

Gênero, maternidades atípicas e psicodrama: experiências em um grupo de apoio

Bruna Maiara Giraldi^{1*} , Andréa Barbará da Silva Bousfield¹ , Gabriela Pereira Vidal¹ 

RESUMO

A maternidade atípica é atravessada por desigualdades de gênero que intensificam a responsabilização das mulheres pelo cuidado. Este artigo identifica as contribuições do psicodrama em um grupo de apoio destinado a mães de pessoas autistas, discutindo suas potencialidades para o acolhimento, a problematização das relações de gênero e a construção coletiva de estratégias de enfrentamento. Trata-se de um relato de experiência qualitativo desenvolvido a partir do projeto Enlaces, da Universidade Federal de Santa Catarina. A análise baseou-se em registros de campo e recortes de encontros realizados nas diferentes edições do grupo. Os recursos psicodramáticos podem favorecer a expressão de experiências, a construção de vínculos grupais, o fortalecimento das redes de apoio e a ressignificação da experiência materna.

PALAVRAS-CHAVE: Psicodrama; Maternidades; Gênero; Autismo; Maternidade atípica.

Gender, atypical motherhoods, and psychodrama: experiences in a support group

ABSTRACT

Atypical motherhood is shaped by gender inequalities that intensify the burden of caregiving placed on women. This article identifies the contributions of Psychodrama within a support group for mothers of autistic individuals, discussing its potential for providing a welcoming environment, critically examining gender relations, and collaboratively developing coping strategies. It presents a qualitative account of an experience based on the *Enlaces* project at the Federal University of Santa Catarina. The analysis drew on field notes and excerpts from sessions held across various editions of the group. Psychodramatic techniques can facilitate the expression of experiences, the formation of group bonds, the strengthening of support networks, and the reframing of the maternal experience.

KEYWORDS: Psychodrama; Motherhoods; Gender; Autism; Atypical motherhood.

Género, maternidades atípicas y psicodrama: experiencias en un grupo de Apoyo

RESUMEN

La maternidad atípica es atravesada por desigualdades de género que intensifican la responsabilidad de las mujeres por el cuidado. Este artículo identifica las contribuciones del psicodrama en un grupo de apoyo destinado a madres de personas autistas, discutiendo sus potencialidades para el logro, la problematización de las relaciones de género y la construcción colectiva de estrategias de enfrentamiento. Se trata de un relato de experiencia cualitativa desarrollado a partir del proyecto Enlaces, de la Universidad Federal de Santa Catarina. El análisis se basó en registros de campo y recortes de encuentros en diferentes ediciones del grupo. Los recursos psicodramáticos pueden favorecer la expresión de experiencias, la construcción de vínculos grupales, el fortalecimiento de las redes de apoyo y la ressignificación de la experiencia materna.

PALABRAS CLAVE: Psicodrama; Maternidad; Género; Autismo; Maternidad atípica.

1. Universidade Federal de Santa Catarina  – Programa de pós-graduação em Psicologia – Florianópolis (SC), Brasil.

*Autora correspondente: brunamaiaragiraldi@hotmail.com

Recebido: 08 jun. 2026 | Aceito: 03 ago. 2026

Editora de seção: Kim Boscolo 

INTRODUÇÃO

A maternidade é um dos tantos papéis entrelaçados diretamente pelo gênero. Existem idealizações no imaginário social que perpassam conservas culturais coloniais (Vomero, 2022), formas cristalizadas de agir e pensar a partir do período colonial que fazem parte das construções subjetivas das pessoas que vivenciam o maternar. Compreender a maternidade com base nas relações de gênero implica reconhecer que ela não constitui uma experiência universal exclusivamente biológica.

Conforme argumenta Scavone (2001), as formas de vivenciar o maternar são produzidas em contextos históricos, culturais e sociais específicos, sendo atravessadas por expectativas que atribuem às mulheres a responsabilidade prioritária pelo cuidado. Nesse sentido, os ideais associados à maternidade, frequentemente relacionados à dedicação integral, à disponibilidade constante e à abnegação, não decorrem apenas de experiências individuais, mas também de normas sociais que orientam comportamentos e definem modelos considerados legítimos de ser mãe (O'Reilly, 2010, 2019).

Ao reconhecer a maternidade como uma experiência plural, torna-se possível compreender as diferentes formas pelas quais ela é vivenciada. Entre essas pluralidades encontra-se a maternidade atípica, aqui relacionada especificamente à experiência de mães de pessoas autistas. Diferentemente dos modelos idealizados frequentemente presentes no imaginário social, a maternidade atípica é atravessada por demandas específicas de cuidado, por processos de adaptação ao diagnóstico e por desafios relacionados ao acesso a serviços, à inclusão social e ao enfrentamento de preconceitos (Bulhões et al., 2023).

Ser mãe de uma pessoa autista carrega inúmeros desafios relacionados à aceitação de um diagnóstico, às vivências de cuidado e às transformações que atravessam a dinâmica familiar. Estudos têm demonstrado que mães de crianças autistas apresentam níveis mais elevados de sobrecarga e estresse quando comparadas a mães de crianças neurotípicas (Riccioppo et al., 2021). Entretanto, compreender tais desafios exige ultrapassar explicações centradas exclusivamente nas características do diagnóstico e considerar também os atravessamentos de gênero presentes na organização social do cuidado. Nesse contexto, a experiência da maternidade atípica evidencia não apenas demandas relacionadas ao autismo, mas também desigualdades historicamente presentes na distribuição das responsabilidades de cuidado entre homens e mulheres.

As dificuldades vivenciadas por mães de pessoas autistas não se restringem às demandas práticas relacionadas ao cuidado. Estudos apontam que essas mulheres frequentemente enfrentam sentimentos de solidão, insegurança e esgotamento emocional, associados tanto às exigências do cotidiano quanto à insuficiência de suporte social e institucional (Ponte & Araújo, 2022). Em muitos casos, a necessidade de acompanhar tratamentos, mediar relações com escolas e serviços de saúde e reorganizar projetos pessoais e profissionais faz com que a maternidade ocupe posição central em suas vidas, produzindo impactos significativos em sua saúde física e mental.

Além da sobrecarga, a literatura evidencia que muitas mães relatam dificuldades para encontrar espaços nos quais possam compartilhar suas experiências e refletir sobre os desafios relacionados à maternidade atípica. Debastiani e Roth (2025), ao investigarem mães de crianças autistas, identificaram elevados índices de sobrecarga e destacaram a demanda por grupos de apoio, espaços de acolhimento e acompanhamento psicológico voltado às necessidades maternas. Tais achados sugerem que, para além das intervenções direcionadas aos filhos, torna-se necessário desenvolver estratégias que contemplem também o cuidado com as mulheres que exercem esse papel.

Ao mesmo tempo, estudos apontam que a participação em grupos de apoio favorece o compartilhamento de experiências, a construção de redes de solidariedade e o fortalecimento emocional das participantes (Colomé et al., 2024). A possibilidade de compartilhar experiências com outras mulheres que vivenciam desafios semelhantes contribui para a redução do isolamento e para a construção de novos sentidos acerca da maternidade. As experiências adquirem relevância social quando são compartilhadas e reconhecidas coletivamente (Jodelet, 2017), evidenciando o potencial dos grupos como espaços de acolhimento, troca de experiências e reflexão sobre a maternidade atípica.

Foi a partir dessa compreensão que surgiu o Enlaces, um projeto de grupo de apoio para mães atípicas desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), vinculado ao Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e

Cognição (Laccos). O projeto dialoga com a Teoria das Representações Sociais (TRS), compreendendo que os saberes produzidos nas experiências cotidianas possuem valor social e contribuem para a construção de sentidos acerca da realidade vivida (Jodelet, 2017). Baseado nesse entendimento, o Enlaces foi concebido como um grupo de apoio destinado a mães de pessoas autistas, buscando favorecer espaços de acolhimento, compartilhamento de experiências e fortalecimento das redes de suporte entre as participantes.

Desde sua criação, os encontros do Enlaces têm sido organizados por meio de diferentes estratégias voltadas à participação ativa das integrantes. Entre elas, destacam-se os recursos provenientes do Psicodrama, utilizados como forma de favorecer a expressão das experiências, a construção de vínculos grupais e a reflexão acerca das vivências relacionadas à maternidade atípica. A utilização desses recursos passou a constituir um dos elementos centrais da condução dos encontros ao longo das diferentes edições do projeto.

Embora o projeto possua fundamentação mais ampla no campo das Representações Sociais, o presente artigo realiza um recorte específico sobre a utilização de recursos psicodramáticos na condução dos encontros grupais. Dessa forma, o foco da discussão não está na análise das representações produzidas pelas participantes, mas nas potencialidades do psicodrama para favorecer processos de acolhimento, expressão e compartilhamento de experiências em um grupo de apoio voltado à maternidade atípica. Cabe destacar que o uso destes recursos também é embasado nas teorias psicodramáticas de desenvolvimento de grupo (Yozo, 2000).

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo identificar, numa perspectiva psicodramática, as contribuições de um grupo de apoio para mães de pessoas autistas, discutindo suas potencialidades para o acolhimento, a problematização das relações de gênero e a construção coletiva de estratégias de enfrentamento.

CAMINHOS METODOLÓGICOS E DE FUNCIONAMENTO DOS GRUPOS

Buscamos produzir aqui um relato de experiência com base na atuação das autoras no planejamento, condução e processamento dos grupos conduzidos. É, portanto, uma produção qualitativa, que se baseia naquilo que foi experienciado até o momento neste projeto. Para isto, utilizamos recortes de alguns dos encontros realizados ao longo das 4 edições do Enlaces.

O projeto Enlaces é desenvolvido na UFSC e tem como público-alvo mães de pessoas autistas. Os encontros ocorreram semanalmente, em formato presencial, sendo conduzidos por estudantes de graduação e pós-graduação vinculadas ao projeto. Cada encontro teve duração de 1h30min e foi estruturado a partir de propostas previamente planejadas pela equipe, contemplando dinâmicas, recursos expressivos e momentos de diálogo coletivo.

O Grupo funciona de forma gratuita e é divulgado por meio do Instagram do projeto, do laboratório e do programa de pós, visando à comunidade no entorno da UFSC, com apoio de profissionais e de outros grupos de apoio às famílias de pessoas autistas. Cada edição oferece até 12 vagas para mulheres maiores de 18 anos, mães de pessoas autistas. Participaram do projeto até junho de 2026, momento no qual escrevemos este artigo, 19 mulheres, sendo 18 mães e 1 avó de pessoas autistas, com idades entre 33 e 64 anos, residentes predominantemente em Florianópolis e região metropolitana. A média foi de 4 mães por grupo durante as 4 edições do projeto (3 edições em 2025 e 1 edição em 2026), sendo que cada edição tem 7 encontros.

O grupo foi composto, até o momento desta escrita, por mulheres brancas e negras, cisgênero, todas com ensino médio completo, sendo predominante a formação em nível superior e pós-graduação, concluídas ou em andamento. As participantes vivenciavam diferentes momentos da maternidade e do cuidado atípico, acompanhando seus filhos – ou o neto – autistas em distintas fases do desenvolvimento, desde a infância até a vida adulta, com diferentes níveis de suporte e, em alguns casos, condições associadas, como Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), dislexia e síndrome de Down. Além disso, o grupo contemplou mães autistas e mães com deficiência, ampliando a diversidade de experiências representadas nos encontros.

As participantes apresentavam trajetórias diversas, porém compartilhavam desafios relacionados à sobrecarga do cuidado, à insuficiência de redes de apoio, às dificuldades de conciliar demandas familiares, profissionais e pessoais, bem como impactos na saúde mental, expressos por sentimentos de solidão, ansiedade, depressão e exaustão. Também emergiram preocupações com o acesso a serviços especializados, a inclusão escolar, a adolescência, a autonomia dos filhos e as relações familiares. De modo geral, buscavam no Enlaces um espaço de acolhimento, escuta, compartilhamento de experiências e fortalecimento das redes de apoio.

Embora os encontros contem com temas norteadores definidos previamente, a condução do grupo busca respeitar as demandas emergentes das participantes, favorecendo a construção coletiva das discussões. Dessa forma, os temas trabalhados foram constantemente atravessados pelas experiências, necessidades e reflexões trazidas pelas mães ao longo dos encontros.

Os encontros foram registrados por meio de relatos produzidos pela equipe ao final de cada reunião, que descreveram as intervenções realizadas e os principais caminhos reflexivos do grupo. Além dos momentos de encontro com as participantes, a equipe realizou reuniões semanais de planejamento e supervisão, destinadas à elaboração das atividades, discussão dos processos grupais observados e construção de estratégias para os encontros subsequentes. Esses espaços também possibilitaram a reflexão crítica acerca da prática extensionista e da atuação profissional junto ao grupo.

Embora o projeto esteja fundamentado teoricamente na Teoria das Representações Sociais, o planejamento e a condução dos encontros foram influenciados por referenciais do psicodrama, especialmente no que se refere a elementos do método psicodramático, contemplando momentos de aquecimento, ação e compartilhamento, além da teoria de desenvolvimento dos grupos (Yozo, 2000). Isso porque a eficácia da utilização da teoria e prática psicodramática tem sido apontada por revisões como útil e eficaz nos processos grupais com diferentes populações (Fernandes et al., 2021; López-González et al., 2021; Maya et al., 2025) e pode, especialmente, oferecer uma experiência única na promoção do enfrentamento e resiliência parental (Cesur-Atintaş et al., 2026).

O aquecimento esteve presente em todos os encontros e teve como objetivo favorecer a integração das participantes, a sensibilização para a temática proposta e a construção de um clima grupal propício à troca de experiências (Yozo, 2000). Foram utilizados diferentes recursos, como dinâmicas grupais, imagens, materiais expressivos, perguntas disparadoras e atividades reflexivas.

Além de orientar algumas das estratégias utilizadas nos encontros, o psicodrama também contribuiu para a leitura dos movimentos grupais observados ao longo do projeto, auxiliando a equipe na compreensão das relações estabelecidas entre as participantes, dos papéis assumidos no contexto grupal e dos processos de reconhecimento e apoio mútuo construídos durante os encontros (Yozo, 2000).

As supervisões e reuniões da equipe também são subsidiadas por diferentes referenciais teóricos, especialmente aqueles relacionados às discussões de gênero, raça, feminismos e interseccionalidade, que integram a formação das coordenadoras e orientam a condução do grupo. Essa perspectiva permite identificar como diferentes marcadores sociais atravessam as experiências das participantes, favorecendo intervenções cada vez mais sensíveis, éticas, conscientes e efetivas (Vidal, 2026).

A leitura dos encontros apresentada neste artigo foi orientada pelas contribuições de Judith Butler e Catherine Walsh. A escolha por essas autoras justifica-se pela potência de suas reflexões, produzidas por meio de perspectivas de mulheres, para compreender as experiências de mulheres atravessadas pelas desigualdades de gênero. Suas formulações sobre reconhecimento, ação coletiva, cuidado e re-existência constituem o principal referencial teórico utilizado para interpretar os processos grupais desenvolvidos no Grupo Enlaces.

Para a construção deste relato, foram considerados os registros produzidos pela equipe ao longo das diferentes edições do projeto, incluindo anotações de campo, reflexões elaboradas durante as supervisões e memórias dos encontros. Com base nesse material, foram selecionadas situações e temáticas que se mostraram recorrentes e significativas para a compreensão da experiência grupal desenvolvida no Enlaces. Os recortes foram selecionados de forma intencional, de acordo com sua relevância em relação ao objetivo deste relato. Priorizamos os encontros nos quais as intervenções e fenômenos psicodramáticos se manifestaram de forma mais expressiva.

Os encontros apresentados não têm como objetivo representar individualmente as participantes, mas evidenciar processos coletivos observados ao longo das diferentes edições do projeto. Dessa forma, preserva-se o anonimato das mulheres participantes, priorizando a análise das experiências compartilhadas e dos sentidos construídos coletivamente no contexto grupal. O presente artigo buscou atender aos princípios éticos estabelecidos pelas Resoluções do Conselho Nacional de Saúde n.º 466/2012 e n.º 510/2016. Considerando o disposto no art. 1º, parágrafo único, inciso VII, da Resolução n.º 510/2016, este trabalho está dispensado de apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa, por consistir em um aprofundamento teórico de situações que emergem espontaneamente da prática profissional, sem revelar dados que permitam a identificação das participantes.

A análise dos recortes foi realizada considerando o referencial teórico e técnico do psicodrama, utilizando o referencial como um método que pode ser utilizado tanto nas intervenções como na compreensão dos movimentos e das relações produzidas nos grupos (Motta, 2011).

ENCONTROS E DISCUSSÃO

Os primeiros encontros realizados no Grupo Enlaces, a cada edição, têm, normalmente, um enfoque de integração entre as participantes e de mapeamento inicial para a equipe que conduz o grupo. O primeiro encontro realizado no projeto ocorreu em 19 de maio de 2025, com a participação de 5 mães. O encontro iniciou com aquecimento inespecífico a partir da apresentação da equipe e da ambientação com a sala. O aquecimento específico foi conduzido por meio de uma fantasia dirigida com o objetivo de as participantes entrarem em contato com as sensações e experiências de maternar e do seu papel de mãe. Em seguida, as participantes foram convidadas a escolher, na mesa preparada pela equipe, um objeto que representasse essa experiência de maternar e o que representava ser mãe de uma pessoa autista para elas.

De acordo com o lugar onde elas estavam sentadas, o grande grupo foi dividido em um trio e uma dupla. Dentro dos pequenos grupos, as mães foram orientadas a dividir entre elas o que sentiram da experiência e sobre os objetos que escolheram, a fim de apresentar algo que fosse capaz de unir todos eles ou que representasse algo em comum que elas tivessem sentido.

As participantes escolheram os objetos e explicaram brevemente o motivo da escolha, conforme o Quadro 1 abaixo.

Quadro 1. Significados atribuídos aos objetos pelas participantes do primeiro encontro da primeira edição.

Objeto escolhido	Motivo da escolha
Bússola	Caminhos; buscar caminhos; “mesmo tendo o caminho certo, você não sabe onde vai chegar”
Adaptador de tomada	Sobrecarga
Pazinha de jardim	Busca
Globo	Mapas, hiperfoco do filho e caminhos
Peça de dominó	Referência ao quebra-cabeça do autismo; não é o quebra-cabeças, pois não precisam se adaptar; talvez se referindo a uma reinvenção

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na apresentação da reflexão com o grande grupo, as mães do trio compartilharam a ideia de busca por caminhos e as experiências delas em relação a ser mãe de crianças autistas. Além disso, neste momento, duas destas mães também compartilharam ser autistas. Esse compartilhamento espontâneo ampliou as possibilidades de identificação entre as participantes e evidenciou o grupo como um espaço seguro para a expressão de aspectos da própria identidade, favorecendo o reconhecimento de experiências frequentemente pouco compartilhadas. Nas intervenções com mulheres autistas, o psicodrama pode contribuir para processos de reconhecimento de si e de ressignificação de vivências relacionadas à própria existência (Giraldi & Vidal, 2025).

Já a dupla selecionou uma música, um louvor evangélico, que falava sobre diagnóstico, sobrecarga, busca por novos caminhos. Neste louvor, dois trechos chamaram a atenção da equipe: “*eu só quero descansar, alguém para me abraçar*” e “*só quero chorar*”. Esse momento foi bem sensível, e houve um processo de acolhimento por parte da equipe e do grupo.

Na escolha dos objetos, observou-se que, embora cada participante tenha recorrido a elementos distintos, os significados atribuídos convergiam para temas comuns, como busca por caminhos, sobrecarga, necessidade de orientação e reinvenção diante da maternidade atípica. A utilização de recursos concretos para representar experiências subjetivas favoreceu a expressão de sentimentos que, muitas vezes, permanecem pouco verbalizados, possibilitando que as participantes reconhecessem aproximações entre suas vivências desde os primeiros momentos do encontro.

A partir disso, ocorre um movimento reflexivo importante no grupo sobre a falta de políticas públicas que amparem pessoas autistas e suas famílias. Ao reconhecer que parte desse sofrimento não se restringe às demandas do cuidado cotidiano, mas também está relacionado à insuficiência de suporte institucional, as participantes deslocam a compreensão da sobrecarga do âmbito individual para uma dimensão social e política.

Santos (2024), ao pesquisar sobre a maternidade atípica de mulheres negras, argumenta que as políticas públicas brasileiras permanecem fortemente marcadas pelo familismo e pelo maternalismo, concentrando nas mães a responsabilidade pelos cuidados e pelo acesso aos serviços, enquanto o Estado oferece suporte insuficiente às famílias e às próprias cuidadoras. Nessa perspectiva, o grupo favorece a problematização dessa lógica de responsabilização exclusiva das mulheres, possibilitando que experiências frequentemente vividas como fracassos individuais sejam compreendidas como expressão de desigualdades estruturais na organização social do cuidado.

O grupo também refletiu sobre as dificuldades enfrentadas por elas, como sobrecarga, capacitismo, descredibilização do diagnóstico e ausência de rede de apoio dos pais das crianças. As discussões evidenciaram que, à medida que as participantes compartilhavam suas experiências, a compreensão da sobrecarga deixava de ser atribuída apenas às exigências individuais do cuidado e passava a incorporar elementos relacionados aos vínculos familiares, à ausência de coresponsabilização paterna e às dificuldades de acesso ao suporte social. Esse deslocamento ocorreu por meio das próprias narrativas do grupo, que passaram a reconhecer aspectos comuns entre suas experiências.

Sobre a paternidade, o envolvimento dos pais é consideravelmente menor, com a grande maioria adotando uma postura passiva e delegando as responsabilidades de cuidado cotidiano às mulheres. Enquanto isso, as mulheres assumem essas tarefas com os filhos, incentivadas por conservas culturais coloniais que as mantêm associadas ao cuidado (Alimbekova et al., 2024).

Algumas mulheres relataram ainda sobre o choro e a dificuldade de chorar diante dos filhos. Esse achado pode ser compreendido à luz das construções sociais da maternidade. Conforme discute Clímaco (2020), a maternidade foi historicamente constituída como uma experiência marcada pela dedicação integral, pela renúncia e pela responsabilização feminina pelo cuidado, produzindo expectativas de que as mães permaneçam emocionalmente disponíveis e resilientes diante das demandas dos filhos. Nesse contexto, demonstrar sofrimento pode ser vivenciado como uma ameaça ao ideal da “boa mãe”, levando muitas mulheres a silenciar suas próprias necessidades emocionais. Assim, a dificuldade em expressar o choro diante dos filhos parece refletir não apenas uma estratégia de proteção às crianças, mas também a internalização dessas conservas de gênero que associam o cuidado em primeiro lugar, acima até de si mesmas.

O encontro foi finalizado com o uso simbólico de um fio de barbante que ia sendo passado, conectando as participantes e a equipe e formando uma rede que representava os vínculos construídos ao longo da atividade. Em seguida, cada participante foi convidada a resumir o significado do encontro em uma palavra. Entre os termos mencionados destacaram-se *fala*, *aprendizagem*, *acolhimento*, *tempo* e *esperança*, indicando que o grupo constituiu um espaço de escuta, construção coletiva, elaboração das experiências e fortalecimento diante dos desafios vivenciados.

A construção simbólica da rede utilizando o barbante possibilitou a concretização dos vínculos estabelecidos no grupo, tornando essa rede visível para as participantes. Para além do encerramento, essa atividade favoreceu o reconhecimento do pertencimento grupal para as participantes. Assim também ocorreu com as palavras ao final, que reforçam o quanto o encontro serviu não apenas como espaço de expressão das experiências individuais, mas também de compartilhamento, identificação, acolhimento e construção coletiva, aspectos centrais da teoria socionômica.

A participação em grupos de apoio tem sido apontada como importante recurso para mães de pessoas autistas. A possibilidade de compartilhar experiências, reconhecer os próprios limites e construir novos sentidos para a maternidade favorece o fortalecimento emocional e a resignificação do cuidado (Ponte & Araújo, 2022). Essas redes, constituídas predominantemente por mulheres, como mães, avós, amigas e outras cuidadoras, oferecem suporte afetivo, informacional e prático, contribuindo para o enfrentamento das múltiplas demandas da maternidade atípica e para a redução da sensação de isolamento frequentemente vivenciada por essas mulheres (Colomé et al., 2024).

Algo semelhante ocorreu no primeiro encontro da segunda edição do projeto, realizado em 22 de agosto de 2025. Neste grupo, as participantes também escolhiam objetos que representassem seu estado atual (Quadro 2). Esta escolha foi inspirada no uso da técnica de concretização, utilizando um recurso simbólico para concretizar algo abstrato como um sentimento ou uma sensação (Oliveira & Alves, 2023).

Quadro 2. Significados atribuídos aos objetos pelas participantes do primeiro encontro da segunda edição.

Objeto escolhido	Motivo da escolha
Borboleta	Busca por transformação; quer sair antes de ser sufocada; liberdade e o desejo de voar além da sobrecarga, equilibrando a maternidade com atividades pessoais como música e estudos.
Geladeira pesada com rodinhas	Metáfora para seu papel de sustento para a família, onde todos buscam recursos, mas exige manutenção e limpeza constante para não quebrar.
Radar e beija-flor	O primeiro simboliza o estado de alerta constante e o segundo, a resiliência e doçura.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os relatos trazidos pelas participantes revelaram conservas culturais, padrões de comportamento e expectativas sociais rígidas, que trazem sobrecarga (Vidal, 2021). Esta aparece no relato da mãe como suporte de todos (geladeira) e a necessidade de vigilância constante (radar). Além disso, também aparece na busca por transformação e na tentativa de sair de um lugar de sufocamento (borboleta).

As representações construídas pelas participantes também dialogam com a organização social do cuidado descrita por Santos (2024), na qual a responsabilização quase exclusiva das mães pelo acompanhamento dos filhos produz uma experiência contínua de vigilância, disponibilidade e sustentação familiar. Nessa perspectiva, as imagens elaboradas pelo grupo não expressam apenas vivências individuais, mas refletem expectativas socialmente construídas acerca do papel materno, que naturalizam a centralidade das mulheres no cuidado e contribuem para a manutenção da sobrecarga vivenciada por essas mães.

As relações de gênero são aprendidas desde a infância e transmitidas de geração em geração. O cuidado tem sido colocado como uma virtude e uma obrigação das mulheres ao longo de muito tempo, algo que acaba sendo internalizado como uma responsabilidade por muitas mulheres. Assim, a ética do cuidado não é inata, ela é ensinada e se torna então uma engrenagem que faz as expectativas de gênero funcionarem e se tornarem parte da identidade de gênero de muitas mulheres (Renk et al., 2022).

Já nos primeiros encontros dos grupos, é possível perceber o vínculo que começa a se estabelecer entre as participantes. As mães, ao escutarem umas às outras, validam suas dores e experiências, algo que caminha contra o contexto solitário da maternidade que muitas delas relatam. Muitas mães, ao longo dos encontros dos grupos desenvolvidos, descrevem a sensação de compreensão e de não julgamento no grupo.

Nessa perspectiva, as experiências compartilhadas no Grupo Enlaces podem ser compreendidas com base na noção de re-existência (Walsh, 2023). Ao compartilharem suas histórias, estratégias e formas de enfrentar os desafios da maternidade atípica, as participantes produzem conhecimentos que nascem da própria experiência e fortalecem modos coletivos de existir. Assim, para além do enfrentamento das dificuldades cotidianas, o grupo torna-se um espaço em que novas possibilidades de ser mãe são construídas, deslocando experiências frequentemente marcadas pelo isolamento para relações de pertencimento, apoio mútuo e produção compartilhada de sentidos. Como propõe a autora, são práticas cotidianas que, ainda que discretas, abrem possibilidades para a criação de outros modos de viver e sustentar a vida.

Outro aspecto interessante do uso do psicodrama enquanto teoria e técnica pode ser representado no segundo encontro da primeira edição do grupo. Este encontro buscava um espaço de acolhimento e reflexão, mas também a continuidade do desenvolvimento do vínculo grupal iniciado no primeiro encontro.

O aquecimento específico neste encontro foi por meio de um mapeamento sociométrico do grupo, pensando no papel de mãe das participantes. Estavam presentes cinco mães. A diretora pediu que elas dessem um passo à frente ao se identificar com palavras/frases mencionadas sobre a maternidade (Quadro 3).

Quadro 3. Frases utilizadas e identificação no segundo encontro da primeira edição.

Frases ditas pela diretora	Mães que se identificaram
“Já me senti culpada por não ter dado conta.” “Já me senti sozinha.” “Já fui julgada por alguém que não conhece minha história.” “Já fui surpreendida pela força que encontrei em mim.” “Já me surpreendi com as coisas que meu filho/minha filha é capaz de fazer.” “Já desejei ter feito algo diferente como mãe no passado.” “Já me senti realizada como mãe.”	Todas deram um passo à frente.
“Já chorei escondida.” “Já me senti orgulhosa do que conquistei como mãe.”	Com exceção de uma, as demais deram um passo à frente.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Duas participantes trouxeram, ainda, frases além das propostas. Uma delas disse ao grupo: “Já desejei não ser mãe”. E, além dela, outras duas mães também deram um passo à frente. Outra participante disse ao grupo “Já senti medo de morrer e deixar meu filho”, e todas avançaram um passo. Ao longo do mapeamento sociométrico, as mães se olhavam e se percebiam umas às outras como um coletivo, construindo uma base télica.

À medida que o exercício se desenvolvia, as participantes passaram a reconhecer que experiências frequentemente vividas de forma solitária eram compartilhadas por outras mulheres do grupo. A inclusão espontânea de novas afirmações pelas próprias participantes ampliou esse movimento, permitindo que temas sensíveis, como o desejo de não ser mãe e o medo de morrer e deixar o filho, fossem acolhidos e reconhecidos coletivamente, sem necessidade de justificativas ou explicações.

Um aspecto que se destacou nessa atividade foi o fato de as participantes introduzirem espontaneamente afirmações que não estavam previstas pela direção. Ao fazê-lo, ampliaram os limites da própria atividade e passaram a definir, baseadas em suas próprias experiências, quais conteúdos deveriam ser compartilhados e discutidos pelo grupo. Esse movimento evidencia uma participação ativa na construção do encontro, deslocando as participantes da posição de respondentes para a de coconstrutoras do processo grupal.

Esse movimento aproxima-se da noção de assembleia proposta por Butler (2018), segundo a qual determinados modos de existência tornam-se politicamente visíveis quando encontram um espaço coletivo de enunciação. Mais do que responder às proposições da direção, as participantes produziram coletivamente um espaço em que experiências antes restritas ao âmbito privado puderam ser publicamente enunciadas e reconhecidas entre mulheres que compartilhavam condições semelhantes.

A sociometria, utilizada por meio do mapeamento sociométrico enquanto recurso psicodramático, favoreceu um movimento em que as participantes deixaram de apenas responder às proposições da direção e passaram a construir ativamente o processo grupal. Essa dinâmica aproxima-se da concepção de Moreno de um método terapêutico fundamentado na espontaneidade, no qual os participantes influenciam e são influenciados mutuamente, contribuindo para o desenvolvimento coletivo do grupo. Nesse contexto, a possibilidade de trazer novas afirmações ao exercício sociométrico ampliou o espaço para a expressão de experiências frequentemente silenciadas, permitindo que essas vivências fossem reconhecidas e elaboradas coletivamente (Moreno, 2008).

Na sequência, foi realizada uma fantasia dirigida. As participantes fecharam os olhos, focando na respiração, enquanto eram conduzidas por uma reflexão imagética. A proposta envolvia imaginar uma estrada e uma porta que levava a um ambiente expositivo, com quadros e esculturas que representassem momentos marcantes da própria vida. A reflexão convidava cada mulher a pensar: quem eu era antes de ser mãe? Quais obras (experiências) se destacam nesse percurso?

A partir deste aquecimento específico, foi proposto que elas desenhasssem uma linha do tempo da vida de cada uma, pensando nas obras que se destacaram na fantasia dirigida. Todas se sentaram ao redor da mesa e começaram a desenhar em folhas de papel sulfite utilizando lápis coloridos. Algumas tiveram mais dificuldade em iniciar, outras demoraram por ter muito a desenhar.

Após a construção da linha do tempo, as participantes compartilharam suas histórias em duplas. Esse momento favoreceu uma escuta mais aprofundada das trajetórias individuais e possibilitou o estabelecimento de identificações a partir de experiências de vida, histórias familiares e elementos em comum. No retorno ao grande grupo, emergiram reflexões relacionadas à espiritualidade, às transformações vivenciadas ao longo da maternidade, às relações familiares e conjugais e à sobrecarga decorrente do cuidado. O envolvimento das participantes com a atividade também ficou evidente pelos relatos de que o tempo destinado às trocas foi insuficiente diante da necessidade de compartilhar suas experiências. Ao final do encontro, as palavras escolhidas para sintetizar a vivência foram gratidão, alívio, felicidade, reflexão, conexão, agregação e acolhimento, evidenciando a percepção do grupo como um espaço de escuta, identificação e apoio mútuo.

Após cinco encontros deste grupo, o sexto merece destaque. Ele teve como aquecimento específico uma atividade simbólica baseada na metáfora de um guarda-roupas. Inspiradas pela reflexão sobre as mudanças das estações e os ciclos da vida, as participantes receberam um guarda-roupa de papel e diferentes peças de roupa coloridas. A proposta consistia em registrar, nas peças de roupa, aspectos de suas vidas que desejavam guardar, reformar e descartar, organizando-os simbolicamente no referido móvel.

Inicialmente, algumas participantes demonstraram dúvidas sobre o que poderiam escrever, sendo necessário que a equipe apresentasse exemplos relacionados a pessoas, relacionamentos, trabalho, sonhos e projetos de vida. À medida que a atividade se desenvolvia, passaram a atribuir significados às peças escolhidas e a compartilhar espontaneamente suas reflexões. Os principais elementos trazidos pelas participantes encontram-se sintetizados no Quadro 4 a seguir:

Quadro 4. Síntese dos elementos atribuídos pelas participantes às categorias guardar, reformar e descartar.

Guardar	Reformar	Descartar
Amor pelos filhos, amor dos pais, equilíbrio, esperança, família, amizades, rede de apoio, tempo para si, Grupo Enlaces.	A própria vida, a casa, autocuidado, saúde, relações familiares, rede de apoio, casa, o marido, eu mesma.	O marido, raiva, estresse, ansiedade, inseguranças.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Durante o compartilhamento, observou-se que, embora a atividade possibilitasse refletir sobre diferentes aspectos da vida, as participantes concentraram suas produções principalmente nas relações estabelecidas ao longo da maternidade. As discussões foram marcadas por relatos sobre a divisão do cuidado, a sobrecarga materna, as dificuldades na relação com os companheiros, a necessidade de fortalecimento da rede de apoio e as preocupações relacionadas ao futuro e à autonomia dos filhos. Ao longo da atividade, as participantes estabeleceram diálogos entre si, reconhecendo experiências semelhantes e ampliando coletivamente as reflexões propostas pela dinâmica.

A atividade do guarda-roupa possibilitou que as participantes organizassem simbolicamente diferentes dimensões de suas vidas, atribuindo novos significados a pessoas, relações e experiências. Ao decidir o que deveria ser guardado, reformado ou descartado, as mães não apenas relataram acontecimentos de suas trajetórias, mas experimentaram, em um plano simbólico, diferentes possibilidades de reorganização de suas próprias vidas. Essa experiência aproxima-se do conceito moreniano de realidade suplementar, um espaço de reinvenção e liberdade criativa, um espaço entre real e imaginário, no qual podemos buscar a ação de forma diferente (Gramkow & Iunes, 2025).

A organização dos elementos nas categorias guardar, reformar e descartar revela que as participantes significaram suas trajetórias, predominantemente, com base nas relações construídas no exercício da maternidade. Embora a atividade contemplasse diferentes dimensões da vida, as produções concentraram-se nos vínculos afetivos, nas relações conjugais, na rede de apoio, no autocuidado e na própria organização do cuidado cotidiano.

Nesse sentido, observa-se que a maternidade não apareceu como um aspecto isolado da experiência dessas mulheres, mas como um eixo em torno do qual diferentes papéis, relações e projetos de vida passaram a ser reorganizados. Ao mesmo tempo, chama atenção que as participantes tenham atribuído lugar de destaque a elementos como o “tempo para si”, o “autocuidado”, “a própria vida” e o “eu mesma”, indicando o desejo de preservar ou reconstruir dimensões de suas identidades que extrapolam as expectativas sociais sobre o maternar.

Oliveira e Vieira (2024) destacam que o psicodrama enquanto teoria e técnica pode ser um aliado para as mulheres na criação de outras formas de ser no mundo, buscando outras possibilidades de ação diante dos poderes que esvaziam nossas capacidades criativas, como o patriarcado. Assim, compreendemos que o grupo pode favorecer a ampliação dos papéis desempenhados por essas mulheres, possibilitando que, para além da centralidade da maternidade, retomem projetos, desejos, formas de existir que frequentemente permanecem invisibilizados pela sobrecarga do cuidado.

A partir disso, é possível reconhecer que as práticas de enfrentamento elaboradas por mães de crianças autistas, especialmente quando compartilhadas em coletividade, constituem verdadeiras pedagogias insurgentes, produzidas nos interstícios da vida cotidiana. Walsh (2023) utiliza a metáfora das sementes para descrever práticas que germinam silenciosamente, abrindo brechas na colonialidade e criando condições para que outros mundos possam existir. Do mesmo modo, as estratégias, narrativas e redes criadas pelas mães operam como sementes de re-existência, pois questionam a normatividade capacitista, produzem saberes situados e deslocam o cuidado de uma lógica individualizada para uma ética da relação.

As reflexões produzidas durante a atividade também evidenciaram um movimento em que as participantes passaram a reposicionar a si mesmas no centro de suas próprias histórias. Ao refletirem sobre o que desejavam guardar, reformar e descartar, deixaram de ocupar apenas o lugar de quem relata experiências vividas e passaram a reconhecer-se como sujeitas capazes de escolher, transformar e produzir novos sentidos para suas trajetórias.

Esse movimento aproxima-se da noção de rematiação proposta por Walsh (2023), que compreende o recentramento das mulheres em suas próprias histórias por meio da valorização de práticas coletivas de cuidado, solidariedade e interdependência. Sob essa perspectiva, o reposicionamento observado entre as participantes evidencia a construção de outras possibilidades de existir e produzir sentidos para suas experiências.

É justamente nesse movimento que se inscrevem os encontros do Grupo Enlaces, um grupo de apoio para mães de filhos autistas, onde as mães elaboram coletivamente narrativas que desafiam a ideia de maternidade como tarefa solitária e moralmente exigente. Nos encontros, as mulheres partilham medos, frustrações e descobertas sem precisar justificar a intensidade de seus sentimentos. Esse espaço torna possível nomear dores que, em outros contextos, seriam deslegitimadas, assim como elaborar sentidos compartilhados sobre autismo, cuidado e maternidade. A cada fala, uma pequena fissura se abre na ordem que espera silêncio dessas mulheres, e é nessa fissura que germinam outros modos de viver.

Os elementos atribuídos às categorias também evidenciam um deslocamento na forma como essas mulheres se posicionam diante de suas próprias trajetórias. Ao incluírem “eu mesma”, “a própria vida”, “tempo para si” e “autocuidado” entre aquilo que desejam preservar ou transformar, tornam visível uma dimensão frequentemente silenciada pela sobrecarga materna: o reconhecimento de si como sujeito de desejos, necessidades e projetos que não se esgotam no exercício do cuidado.

Nessa perspectiva, Butler (2018) contribui para compreender que esse movimento ultrapassa uma mudança individual de percepção. Ao tornarem públicas experiências e reivindicações que historicamente permaneceram restritas ao espaço privado da maternidade, essas mulheres desafiam normas que as posicionam exclusivamente como cuidadoras e afirmam sua existência como sujeitos dignos de reconhecimento. O Grupo Enlaces constitui, assim, um espaço em que essas experiências deixam de ser vividas em silêncio e adquirem visibilidade, produzindo novas possibilidades de existência e de reconhecimento mútuo.

Ao discutir as formas de aparecimento coletivo, Butler (2018) destaca que a vida humana é constituída por relações de interdependência. Reconhecer essa condição significa compreender que o cuidado, a sustentação da vida e o enfrentamento das vulnerabilidades não se realizam de maneira isolada, mas nas relações estabelecidas com o outro. Sob essa perspectiva,

os encontros do Grupo Enlaces evidenciam como a construção de vínculos entre mulheres que compartilham desafios semelhantes amplia as possibilidades de apoio, reconhecimento e elaboração de novos sentidos para a experiência da maternidade atípica.

Essa leitura permite ver que o grupo não apenas acolhe, mas produz condições de existência que rompem com a lógica privatizante e solitária do maternar. A troca de saberes, que vai desde estratégias práticas até interpretações simbólicas de suas vivências, produz um sentimento de pertencimento que reorganiza a forma como cada uma se percebe. Trata-se de uma pedagogia que nasce das experiências, dos corpos, das narrativas e dos afetos. Não há hierarquia, manual ou técnica que substitua a potência desse encontro (Walsh, 2023).

Assim, fundamentando-se em Butler (2018), torna-se possível reconhecer o grupo como espaço de politização das experiências maternas, onde o cotidiano, tantas vezes tomado como esfera privada, ganha densidade pública e coletiva. A assembleia não é um acréscimo externo à vida das mães, mas emerge da vida que elas já sustentam; e é justamente por isso que carrega potência transformadora. Nesse sentido, o Enlaces evidencia que a política pode nascer de lugares discretos, silenciosos, e ainda assim ser profundamente marcante ao afirmar a dignidade das mulheres e de seus filhos.

Por fim, compreende-se que, ao reunir essas diferentes perspectivas, torna-se possível reconhecer que as experiências das mães de crianças autistas revelam dimensões do cuidado que permanecem invisíveis nas leituras convencionais sobre maternidade e deficiência. O que se produz no cotidiano do Grupo Enlaces não é apenas apoio, mas uma forma de organizar a vida em comum que reposiciona essas mulheres como agentes de sentido, criando leituras próprias sobre si, seus filhos e o mundo. O grupo evidencia que, quando encontram um espaço onde suas histórias podem circular, essas mães produzem arranjos coletivos capazes de ampliar horizontes e renovar possibilidades de futuro. Assim, mais do que responder às demandas imediatas do cuidado, elas elaboram modos de viver que afirmam dignidade, lembrando que, mesmo em contextos de profundas desigualdades, é possível criar caminhos para existir no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo identifica as contribuições do psicodrama, articulado às contribuições teóricas de Judith Butler e Catherine Walsh, em um grupo de apoio destinado a mães de pessoas autistas, discutindo suas potencialidades para o acolhimento, a problematização das relações de gênero para mulheres cis e a construção coletiva de estratégias de enfrentamento.

Os encontros evidenciaram que recursos como fantasia dirigida, concretização, mapeamento sociométrico e realidade suplementar podem favorecer não apenas a expressão de experiências frequentemente silenciadas, mas também a elaboração coletiva de vivências relacionadas à sobrecarga, ao cuidado e às desigualdades de gênero que atravessam a maternidade nesse contexto.

Mais do que construir estratégias metodológicas para a condução grupal, os recursos psicodramáticos favoreceram a construção de espaços nos quais as experiências frequentemente compreendidas como problemas individuais puderam ser reconhecidas em sua dimensão coletiva e social. O psicodrama nos serviu como forma coletiva de caminhar por construções sociais e políticas acerca da maternidade. Ao compartilharem trajetórias e criarem um vínculo grupal, as participantes deslocaram sentidos de culpa, insuficiência e isolamento para reflexões sobre a organização social do cuidado, fortalecendo redes de apoio e produzindo novas possibilidades de compreender e vivenciar a maternidade atípica.

Compreendemos também as limitações implicadas. Nosso grupo é um projeto relativamente novo, o que restringe um acompanhamento longitudinal até o presente momento. Além disso, o projeto ocorre na capital de um estado da região Sul do país, o que delimita particularidades socioculturais e regionais, inviabilizando generalizações. Sabemos, ainda, das inscritas no projeto que não puderam concretizar sua participação devido à extrema sobrecarga e/ou escassez de rede de apoio.

Além disso, embora o grupo fosse composto por mulheres autodeclaradas negras e brancas, questões relacionadas ao pertencimento racial não emergiram de forma explícita nos encontros analisados. As discussões concentraram-se principalmente nas experiências compartilhadas da maternidade atípica, da sobrecarga do cuidado e das desigualdades de gênero. Isto não

implica que a dimensão racial seja irrelevante, mas indica que ela não se constituiu como um eixo organizador neste grupo. A ausência dessa temática nos encontros pode estar relacionada às especificidades do contexto, da composição do grupo ou às demandas que se mostraram mais urgentes para as participantes durante o processo grupal.

Por fim, os resultados também reforçam a importância de ampliar intervenções grupais voltadas às mães de pessoas autistas, especialmente aquelas fundamentadas em abordagens que articulem o psicodrama às discussões de gênero e cuidado. Espera-se que este relato contribua para a ampliação das práticas psicodramáticas em contextos de apoio à maternidade atípica e incentive novas pesquisas que aprofundem as interfaces entre psicodrama, gênero, autismo e processos grupais, ampliando a produção científica sobre a temática.

CONFLITO DE INTERESSE

Nada a declarar.

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Durante a preparação deste trabalho, a autora utilizou o ChatGPT (OpenAI), em junho de 2026, exclusivamente para apoio à revisão linguística e ao aprimoramento da redação do manuscrito. Após o uso da ferramenta, a autora revisou criticamente, editou e validou todo o conteúdo, assumindo total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

Conceitualização: Giraldi BM, Bousfield ABS, Vidal GP; **Metodologia:** Giraldi BM, Bousfield ABS, Vidal GP; **Análise formal:** Giraldi BM, Bousfield ABS, Vidal GP; **Investigação:** Giraldi BM; **Aprovação final:** Giraldi BM.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Dados serão fornecidos mediante solicitação.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos as participantes do grupo Enlaces por nos confiarem suas histórias.

REFERÊNCIAS

- Alimbekova, G., Aubakirova, A., Mukhambetova, K., Uruzbaeva, G., & Zhumagaliyeva, B. (2024). Father's involvement in the development, care, and upbringing of a child with autism spectrum disorder in Kazakhstan: results of a comprehensive study. *Scientific Herald of Uzhhorod University, Series Physics*, (56), 1505-1513. <https://doi.org/10.54919/physics/56.2024.150vy5>
- Bulhões, T. M. P., Bittencourt, I. G. S., Souza, E. M. S., Cavalcanti, C. M. T. M., & Porto, M. E. A. (2023). A maternidade atípica: narrativas de uma mãe com três filhos com transtorno do espectro autista. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 15, e12213. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v15.12213>

- Butler, J. (2018). Política de gênero e o direito de aparecer. In *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia* (pp. 24-65). Civilização Brasileira.
- Cesur-Atıntaş, M., Atakay, C., & Kurlangıç-Şimşek, B. (2026). Mothers in action: investigating psychodrama's role in parenting stress, emotion regulation, and cognitive flexibility. *The Arts in Psychotherapy*, 99, 102464. <https://doi.org/10.1016/j.aip.2026.102464>
- Clímaco, J. C. (2020). Análise das construções possíveis de maternidades nos estudos feministas e da deficiência. *Revista Estudos Feministas*, 28(1), e54235. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n154235>
- Colomé, C. S., Dantas, C. P., Izolan, L. C., & Zappe, J. G. (2024). Redes sociais significativas maternas: significados e movimentos diante do autismo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 44, e261546. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003261546>
- Debastiani, L. S., & Roth, C. M. (2025). Cuidar de quem cuida: a relevância da rede de apoio na saúde mental de mães de crianças autistas. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 11(11), 9708-9724. <https://doi.org/10.51891/rease.v11i11.22744>
- Fernandes, V. A., Cenci, C. M. B., & Gaspodini, I. B. (2021). Intervenções em psicodrama: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 29(1), 4-15. <https://doi.org/10.15329/2318-0498.21992>
- Giraldi, B. M., & Vidal, G. P. (2025). Psicodrama bipessoal e autismo feminino: o reconhecimento do eu após diagnóstico tardio. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 33, e1025. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v33.700>
- Gramkow, D., & Iunes, A. L. S. (2025). Ressignificando histórias na realidade suplementar por meio do vínculo terapeuta-paciente. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 33, e1525. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v33.690>
- Jodelet, D. (2017). Lugar da experiência vivida nos processos de formação das representações sociais. In *Representações sociais e mundos de vida* (pp. 473-487). PUCPress.
- López-González, M. A., Morales-Landazábal, P., & Topa, G. (2021). Psychodrama group therapy for social issues: a systematic review of controlled clinical trials. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(9), 4442. <https://doi.org/10.3390/ijerph18094442>
- Maya, J., Pérez-Berbel, M., Giraldo-Arroyave, L., & Hurtado, I. (2025). Psychodrama: implementation, study design and effectiveness: a systematic review. *BMC Complementary Medicine and Therapies*, 25, 232. <https://doi.org/10.1186/s12906-025-04959-y>
- Moreno, J. L. (2008). *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama* (M. Aguiar, Trad.). Daimon.
- Motta, J. M. C. (2011). Estado da arte na ação dramática. In J. M. C. Motta & L. F. Alves (Eds.), *Psicodrama: ciência e arte* (pp. 82-91). Ágora.
- Oliveira, L. G., & Vieira, É. D. (2024). Lutas micropolíticas contra as conservas coloniais do patriarcado: psicodrama e liberdade. *Conecte-Se! Revista Interdisciplinar de Extensão*, 8(17), 145-162. <https://doi.org/10.5752/P.2594-5467.2024v8n17p145-162>
- Oliveira, R. B., & Alves, D. F. V. (2023). Utilização da técnica do átomo social no processo de psicodiagnóstico. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 31, e1823. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v31.618>
- O'reilly, A. (Ed.). (2010). *Encyclopedia of motherhood* (Vol. 1). Sage.
- O'Reilly, A. (2019). Maternal theory: patriarchal motherhood and empowered mothering. In L. O'B. Hallstein, A. O'Reilly & M. Giles (Eds.), *The Routledge companion to motherhood* (pp. 19-35). Routledge.
- Ponte, A. B. M., & Araujo, L. S. (2022). Vivências de mães no cuidado de crianças com transtorno do espectro autista. *Revista do NUFEN*, 14(2), 1-15. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912022000200010&script=sci_abstract
- Renk, V. E., Buziquia, S. P., & Bordini, A. S. J. (2022). Mulheres cuidadoras em ambiente familiar: a internalização da ética do cuidado. *Cadernos Saúde Coletiva*, 30(3), 416-423. <https://doi.org/10.1590/1414-462X202230030228>

- Riccioppo, M. R. P. L., Hueb, M. F. D., & Bellini, M. (2021). Meu filho é autista: percepções e sentimentos maternos. *Revista da SPAGESP*, 22(2), 132-146. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702021000200011
- Santos, M. C. S. (2024). “*Quem pariu Mateus que o balance?*”: um estudo sobre as experiências do cuidado nas maternagens de mães negras de crianças com transtorno do espectro do autismo [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório UFMG. <https://hdl.handle.net/1843/67338>
- Scavone, L. (2001). A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. *Cadernos Pagu*, (16), 137-150. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100008>
- Vidal, G. P. (2021). Conserva cultural: o ciclo sem fim. *Revista da Sociedade Portuguesa de Psicodrama*, 10(1), 13-22. <https://sociedadeportuguesaapsicodrama.com/revista/>
- Vidal, G. P. (2026). Supervisionando mulheres que atendem mulheres: tecendo psicodramas. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 34, e0626. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v34.744>
- Vomero, L. S. Z. (2022). Decolonizando o conceito de reconhecimento (Eu-Tu). *Revista Brasileira de Psicodrama*, 30, e1422. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v30.576>
- Walsh, C. E. (2023). Sowing re-existences. In *Rising up, living on: reexistences, sowings, and decolonial cracks* (pp. 230-247). Duke University.
- Yozo, R. Y. K. (2000). *100 jogos para grupos: uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas*. Ágora.